

Coluna do Castello

Quem ganha com a saída de Jânio

A sucessão ganha um desenho político mais nítido a partir da desistência de Jânio Quadros de candidatar-se a presidente da República. O eleitoral, daqui por diante, deve prevalecer sobre o político, pois não se deve esperar novidades como o aparecimento de outros candidatos ou a renúncia de alguns dos principais concorrentes. Embora Aureliano Chaves ainda esteja na fase de avaliações, a saída de Jânio deverá induzi-lo a permanecer na disputa em busca de um lugar para o segundo turno. Foram aliás razões políticas que terão preponderado sobre motivações pessoais na atitude do ex-presidente renunciante. Quando ele partiu do país em dezembro do ano passado traçou uma estratégia que se consumaria segundo suas intenções, não fosse a irrupção de fato novo, a candidatura de Fernando Collor de Mello.



Na realidade a prudência indicava ao ex-prefeito esperar que se esvaziassem as expectativas armadas em torno do empresário Antônio Ermírio de Moraes, do *showman* Silvio Santos e do governador Orestes Quércia, e também que a convenção do PMDB indicasse esvaziamento político da candidatura de Ulysses Guimarães. Tudo se passou dentro das previsibilidades e só ao marcar sua volta terá percebido Jânio que havia algo de insólito no ambiente político. Partidos não estavam mais disponíveis para lhe oferecer legenda e a sigla do PSD foi fechada à última hora por seus assessores. Mas não foi difícil verificar que a opinião das camadas populares que o tinham como *o esperado* se havia deslocado ao sopro de musas novas. Segmentos importantes da sociedade, notadamente dos meios empresariais, que jogavam na sua experiência e no seu senso de autoridade, tinham claramente alternativa senão política, pelo menos eleitoral.

Não terá escapado à sua sagacidade e à sua experiência total e inesperada mudança das condições para uma candidatura do tipo da sua. Interlocutores reticentes, escasso entusiasmo de correligionários e objeções feitas por partidos como o PTB e o PDC, em outra situação ansiosos por lhe requisitar a preferência, indicaram alteração do *mood* da sucessão. Esses partidos, aliás, perderam, com

a desistência do candidato, sua importância na eleição do futuro presidente. O PTB valia pela disputa da legenda entre Leonel Brizola e Jânio Quadros. Já agora deverá morrer sufocado pela candidatura do senador Afonso Camargo, a quem será útil para a eleição de governador do Paraná, no próximo ano. O PDC continuará válido na política de Goiás e de Tocantins, mas desaparece como proposta nacional. E o PSD volta ao anonimato das ficções políticas.

Fernando Collor deverá ter consolidada sua situação eleitoral. Politicamente, no entanto, a desistência de Jânio deverá favorecer de preferência Ulysses Guimarães, que passa a ser, apesar do contrapeso de Waldir Pires, peça no jogo das classes conservadoras, do qual fôra aliado por contaminação ideológica com a esquerda. Aureliano Chaves também terá seu proveito, na medida em que se torna a confluência natural dos políticos que permanecem ao lado de Sarney. Sua posição no PFL será reforçada e apoios que estavam na expectativa de se endereçar rumo ao janismo deverão engrossar a candidatura do ex-vice-presidente, único candidato que não se propõe a realizar uma campanha de demolição do que resta do governo federal.

Quanto às razões de saúde invocadas por Jânio Quadros para explicar sua desistência, são de conhecimento e controle exclusivos desse político e devem ser tomadas em consideração apesar da descrença que declarações desse tipo provocam em seus adversários. Com saúde ou sem saúde, não é mais provável que Jânio volte a ocupar um lugar na cena da política sucessória, a não ser para apoiar um dos contendores. Ele certamente mal conhece Fernando Collor mas seguramente conhece todos os demais.

Sarney e salários

O presidente José Sarney está preocupado exclusivamente, segundo tem dito, com a questão dos salários. Como se sabe, essa questão tem diversas faces, uma delas a repercussão das decisões do governo nas Forças Armadas. O ministro Mailson da Nóbrega, segundo um de seus interlocutores, ri-se da proposta do Dieese de fixar em 400 dólares o salário mínimo, o que deslocaria o foco do problema da sociedade brasileira para a sociedade norte-americana. Não há qualquer relação entre o que propõe o Dieese e a realidade nacional.

Ministro vai para Ulysses

O ministro da Cultura, José Aparecido, dispõe-se a apoiar agora o candidato do seu partido, Ulysses Guimarães. Ele não está preocupado com vetos à participação de ministros de Sarney nos palanques. Aparecido não pretende demitir-se.

Carlos Castello Branco